

Blumenau

em

Cadernos

TOMO XXXIV

Junho de 1993

Nº. 6

PORTE PAGO
DR/SC
ISR-58 - 603/87



A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.
Companhia Hering
Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Casa Willy Sievert S/A. Comercial
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.
Livraria Blumenauense S/A.
Schrader S/A. Comércio e Representações
Companhia Comercial Schrader
Buschle & Lepper S/A.
João Felix Hauer (Curitiba)
Madeira Odebrecht Ltda.
Móveis Rossmark
Arthur Fouquet
Paul Fritz Kuehnrich
Walter Schmidt Com. e Ind. Eletromecânica Ltda.
Cristal Blumenau S/A.
Moellmann Comercial S/A.
Sul Fabril S/A.
Herwig Shimizu Arquitetos e Associados
Auto Mecânica Alfredo Bretkopf S.A.
Maju Indústria Textil Ltda.
HOH Máquinas e Equipamentos Ind. Ltda.
Casa Meyer.
ONEDA — Equipamentos para Escritório Ltda.
Casa Buerger Ltda.
UNIMED - Blumenau
Casa Flamingo Ltda.
Gráfica 43 S/A Ind. e Com.
Família Atilio Zonta
Lindner Arquitetura e Gerenciamento S/C Ltda.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXIV

Junho de 1993

Nº. 6

SUMÁRIO

Página

Um Luso-Brasileiro em Blumenau — Ruy Moreira da Costa	182
Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar (IX) — Pe. Antônio Francisco Bohn	186
Ao Redor do Dr. Blumenau (XIII) — Theobaldo Costa Jamundá	187
Reminiscências de Ascurra — Atilio Zonta	191
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	195
Ensino Público e Particular em Blumenau — W. J. Wandall	197
A Família Wehmuth — Nelson V. Pamplona	200
Subsídios Históricos — Rosa Herkenhoff	208
Figura do Presente	209
Aconteceu — Maio de 1993	210

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs.) Cr\$ 200.000,00

Número avulso Cr\$ 40.000,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) Cr\$ 400.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711
89.015 — B L U M E N A U — SANTA CATARINA — B R A S I L

Foto: Prédio atual da Prefeitura, construído no governo Renato Vianna (1978/82), que após 11 anos retorna ao poder municipal, usufruindo da obra que construiu, reconduzido pela força do voto dos eleitores blumenauenses.

Clichê: Gentileza da Clicheria Blumenau Ltda.

UM LUSO-BRASILEIRO EM BLUMENAU

Nossa Casa no Garcia

Minha infância ficou na rua Dr. Amadeu da Luz. Com a mudança da família para Itajaí, devido ao cargo que meu pai ia assumir na matriz do Banco Inco, aquela página de minha vida foi virada abruptamente. Não deu tempo, no entanto, para me acostumar na «Cidade Praiana». Em fins de julho de 1942, voltávamos para Blumenau, que eu já amava, e meu pai começava a trabalhar na Empresa Industrial Garcia. Eu regressava não mais como criança, mas como um juvenzinho, pois já tinha entrado na adolescência. Lembro-me de uma vez que chorei nessa fase, pois tinha levado uma bronca de meu pai. Não sabia se chorava fino ou se chorava grosso.

Alugamos uma casa na atual rua Criciúma. Naquela época era apenas uma transversal sem nome da rua Amazonas, uma tifa, como se dizia então. Na entrada da rua havia um pasto à esquerda e uma plantação de cana à direita. Em seguida do canavial, à direita erguia-se nossa casa. Uma casa cinza chapiscada, sólida, construída em cota alta. Com um porão e dois pavimentos, parecia um pequeno palacete no meio das outras casinhas mais baixas. Na frente, tinha uma varanda voltada para a rua, onde à tardinha o sol poente batia com toda a sua força; uma sala de visitas; uma sala de estar grande, no centro; um dormitório amplo; uma cozinha com fogão de lenha. No sótão, eram nossos dormitórios, dois ou três, não me lembro bem. Na frente um jardim com arbustos e florzinhas simples e nos fundos um gramado verde e macio. O banheiro, como era costume, fi-

cava retirado da casa, com uma calçadinha de cimento.

Nossos vizinhos mais próximos e mais amigos eram os Telles. O Sr. Procópio e D. Antonia eram um casal de contrastes; ele magrinho e sequinho, de cabelinho crespo e ela baixinha, gordinha e morena era o oposto do marido. Eram pais de sete filhos, uma escadinha: A mais velha era a Nena (custei a me lembrar do nome de batismo dela: Maria da Glória); o Gentil (Advogado e fundador da Universidade de Blumenau); a Duda (Nome certo, Olávia), que casou com o Eugênio Soutinho e era colega de escola de minha irmã e, para mim, minha segunda irmã; a Norma, que era bem magrinha e moreninha; a Eza (nome certo: Tereza) parecia uma gatinha lourinha, que foi morar no Rio de Janeiro; a Íria, que era uma menininha rechonchudinha, com um cabelinho escuro de franjinha; e por fim, o Élio, ainda quase nenenzinho, que era o caçulinha. Moravam numa casa pequena, com saída pela outra rua seguinte. Nós, porém, cortávamos caminho passando por um buraco da cerca de ripas, no fundo de nossa casa. Adiante da casa dos Telles, numa casa parecida com a anterior, morava um amigo meu, o Antônio. Moreninho, cabeça pequena, braços e pernas compridos, me parecia um macaquinho-aranha, sempre se mexendo e pulando. Ele me acompanhava com frequência nas vezes em que íamos tomar banho no ribeirão Garcia, no fundo da casa dos Hackländer, nas tardes mornas do verão. Não tenho certeza se o Antônio era irmão ou

parente do Waldemar Thiago de Souza, mas me lembro que o famoso desportista blumenauense era visto por mim a miúdo na casa do Antonio. O Antonio tinha um cunhado chamado Bavu. Era da altura e largura de uma geladeira de açougue duplex e braços da grossura de um tronco de árvore.

Estes eram nossos vizinhos dos fundos. Vamos aos vizinhos da frente e lados. Do outro lado do pasto que dava para a rua, morava uma conhecida de minha irmã: a Inge Habitzreuter. Lá eu ia de vez em quando comprar leite. Uma vez cheguei lá e os cachorros estavam soltos. Fui atacado pelos cães ferozes e nem deu tempo para abrir o portão para sair, pulei o portão fechado mesmo. Faz pouco tempo, quando estive em Blumenau no ano passado, encontrei a Inge na rua e ela ainda está com a mesma carinha de cinquenta anos atrás. Na encosta do morro, bem perto de nossa casa, morava uma senhora já velhinha, D. Laudelina Wagner. Tinha três filhos: O Hercílio, que trabalhava na Prefeitura e passava todos os dias de terno completo e de bicicleta para ir ao trabalho; a Olga, loura e madurinha, que costurava em casa; e a Tinica, que diziam ser meio fraca da cabeça, mas que era muito simpática e risonha com todos os vizinhos e já usava, naquela época, uma minissaia, que mostrava suas perninhas finas, quando passava rebolando para ir às compras. Na casa vizinha, morava o sargento do exército, Sr. Deusdedit. Com um jeitinho de nordestino, baixinho, carequinha, passava tripulando uma bicicleta, mas de um modo tão grotesco que me lembrava um chimpanzé de circo. Na casa seguinte, veio morar um casal novo de colonos. Ele, pe-

lo aspecto, devia trabalhar na fábrica, pois não estava em casa o dia todo. Ela, a coloninha, risonha e fresquinha, cabelinhos escorridos castanhos, vivia plantando no quintal, de bundinha para cima ou de cócoras, com as coxinhas e calcinhas brancas à mostra, consciente ou inconscientemente atijando meus florescentes instintos juvenis.

A rua Amazonas era então uma estrada de terra macadamizada, sem calçadas laterais e com duas fundas valetas de drenagem de cada lado. Nos dias de sol levantava nuvens de poeira e nos dias de chuva enfeitava-se de inúmeras poças de água, refletindo o céu. Lembro-me de um dia de desfile escolar — que eram frequentes na época getuliana — em que saí de casa de uniforme limpinho e fui literalmente lavado com água barrenta da cabeça aos pés. Voltei para casa furioso e encharcado, mas depois gostei de não ter ido desfilar naquele dia. No dia seguinte tive que me justificar com o Diretor do Colégio.

Indo em direção à rua das Palmeiras, não havia quase casas até o Hospital Santa Catarina. Do lado direito, existia uma casa de enxaimel na encosta do morro que, como dizia meu pai, era um bordel. Os vizinhos porém, chamavam de «Pensão da Lili». Eu sempre passava por ali morto de curiosidade mas só avistava, quando passava ao meio dia, umas moças vestidas com quimonos e roupões de banho tomando a fresca na varanda da frente. Um dia em que passei com meu tio Henrique, que já era adulto, elas gritaram e assoviaram chamando a atenção. Nós dois olhamos e uma ou duas delas abriram os roupões e quimonos. Daí, minha curiosidade aumentou ainda mais.

Em seguida vinha a Madeireira Odebrecht, com pilhas de tábuas espalhadas pelo terreno até umas casas em que moravam um motorista de praça bem moreno e logo em seguida era a casa onde morava o Nelson Vieira Pamplona, que era meu colega de Colégio.

Depois da entrada do Beco Araranguá, vinha o Hospital e a Igreja Protestante. A seguir a ponte sobre o ribeirão Fresco, a garagem de D. Amália e a rua das Palmeiras.

Do outro lado da rua Amazonas, do lado esquerdo, indo para o centro, havia, na saída de nossa rua, a casa dos Weidgenant. Só conhecia os filhos, que eram três: o Zeno, que já era moço feito; o Orlando que era meu conhecido e vinha brincar comigo e a menina, Edith, se não me engano, que era amiga de minha irmã. Logo em seguida, lá no meio do pasto estava a casa da Frau Puhlmann. Era uma casa alta, de material, que parecia uma mansão rural. Morava ali uma mocinha morena-clara gordinha, muito bonitinha, que vinha entregar os latõesinhos de leite para os fregueses vizinhos. Chamava-se Olívia e eu quase entrava em êxtase quando ela passava e me dava um sorriso. Porisso eu vinha esperá-la quase toda a tarde para vê-la nassar. Depois da casa de Frau Puhlmann, seguia-se uma série de terrenos baldios e plantações até a casa do Osni Reis, que tinha sido um salão de baile, o Salão Clarindo. Era uma construção comprida e amarela. Perto dali ficava o prédio onde o Sr. Aquilino Klock tinha uma vendinha. O Sr. Aquilino era casado com uma mulher loura, alta, de cabelos crespos, muito bonita. Esta tinha uma irmã mais nova, mocinha, tão linda quanto ela,

que eu não me cansava de olhar e de admirar. Gostava de ir lá, com o pretexto de fazer compras, para namorar a lourinha: bananas, balas, tangerinas. Logo depois vinha o Beco da Amanda, a qual não tive o prazer de conhecer, certamente por ser de menor idade. Em seguida vinha o prédio do armazém do Sr. Anibal Migueis. Era o maior armazém daquela rua. Um pasto enorme que ia desde esta altura até a rua das Palmeiras, desde onde hoje é o Supermercado Comper, e se usava apenas para criação de gado, pois estes terrenos sujeitos a qualquer enchente, não tinham outra finalidade.

Para dentro do bairro do Garcia, só íamos até as terras do Sr. Cristiano Theiss, pois além daí eram só terrenos baldios até a altura do Tiefensee e do Grupo Escolar Santos Dumont, onde minha irmã estudava. Havia nesse trecho uma Igreja Adventista, uma fábrica de macarrão e o Sr. Theiss iniciava a Tecelagem União. Morava nessa vizinhança o Sr. Gustavo Oestrom, que de vez em quando ia dar uma ajeitada em nosso jardim e quintal e a quem meu irmãozinho Rúbio era muito afeiçoado. Tanto que chamava a ele «Vovô Gustavo». Ainda há pouco tempo, ao rever velhas fotos, achei uma pose de meu irmãozinho dentro de um carrinho de mão, tendo ao lado o Sr. Oestrom. Morava lá dentro do Garcia o Sr. Germano Leuchtheuser, que era orquidófilo e amigo de meu pai. Usava um imenso bigode branco e de quando em quando vinha para a cidade e vinha nos visitar. Eu gostava de conversar com ele e escutava com atenção e carinho sua fala descansada ao contar casos.

Minha vida, naquela época, já

incluía mais obrigações e responsabilidades. Era época de me preparar para fazer o exame de admissão ao Colégio Santo Antonio, pois como em Itajaí ainda não houvesse curso ginásial, só o primário e curso complementar ao primário, tive que continuar cursando o 2º. ano do Curso Complementar e, ao me transferir para Blumenau, voltei para a Escola Particular Pedro II. Fiquei alegre em rever os colegas que havia deixado há seis meses atrás. No fim do ano, porém, além de concluir o Curso Complementar, fui fazer o exame de admissão e fui reprovado em matemática. Eu não era tão ruim em matemática, mas talvez por ter estranhado o ambiente ou o sistema do Colégio, só consegui um quatro no exame. Passei aquelas férias me preparando para a 2ª. época em fevereiro. Tomei aulas particulares com o professor Max Kreibich e em fevereiro consegui passar e ser admitido no Santo Antonio. Isto em 1943. Sete anos depois, em 1950, estava lecionando matemática na 8ª. série, ou 4ª. série ginásial, como se dizia, no mesmo colégio onde um dia eu tinha sido reprovado. Substituí o professor Germano Süssenger, que não tinha conseguido voltar a tempo das férias do meio de ano. que fora passar na Alemanha.

Fora essas preocupações, gostava de ir tomar banho no ribeirão Garcia, nas tardes de verão. Tínhamos nossos lugares preferidos. O Poço da Moça era muito concorrido, mas era muito perigoso, pois lá uma moça, um dia tinha morrido afogada. Iamos lá mais para apreciar o pessoal que frequentava o local. O ribeirão, naquele tempo, era uma beleza. Via-se o fundo, com suas pedrinhas e peixinhos. Sombras de enormes árvores som-

breavam os remansos e as corredeiras. As margens eram firmes, ladeadas de pastagens e fundos de quintais sem vestígios de lixo. Em 1970, vinte e sete anos depois, conversando com meus dois filhos, contei-lhes sobre esse meu tempo de frequentador do ribeirão e eles ficaram curiosos em conhecer os lugares dos quais eu falara. Fomos até lá e a decepção foi grande: o ribeirão estava afogado no lixo. Restos de sacos e garrafas plásticas cobriam as pedrinhas do fundo do ribeirão. A própria água já não era mais transparente: era um caldo cinzento, sujo e mal cheiroso. «Nessa sujeira era que o pai tomava banho?» Perguntaram meus filhos. E eu lembrando com tristeza como era lindo o ribeirão, respondi: «Não. Naquele tempo a água era limpa e o povo tinha mais noção de higiene: não jogava lixo no rio». Tive que subir o ribeirão até Nova Rússia para encontrar um lugar parecido com o ribeirão de 1943.

Durou aproximadamente dois a três anos nossa permanência naquela casa. Só passamos uma enchente naquela rua e ela nem chegou a entrar no nosso quintal. Naquela casa, ainda me lembro de ter passado o inverno mais frio que já tinha visto em Blumenau. Ao acordar de manhã cedo para ir à escola, tive a surpresa de ver os pastos e os telhados brancos de geada, como nunca tinha acontecido até então. Depois daquela greve de 1943, que houve na Empresa Industrial Garcia, em que até a polícia esteve lá para desalojar os grevistas de dentro da fábrica, a administração da Empresa aconselhou meu pai a não continuar morando no mesmo bairro, pois era perigoso para a segurança dele e da família. Fomos morar,

então, numa casa da rua Sete de Setembro, de propriedade do Sr. Willy Fischer, na quadra entre as atuais ruas Nami Deeke e Dr. Amadeu da Luz. Nunca mais iria voltar a tomar banho e dar mergulhos no querido ribeirão Garcia, que ficou e continua sendo um ribeirão de doces águas límpidas que vinha de umas montanhas azuis

que ficavam não sei onde e que passava por aquela terra encantada de meus sonhos de criança, carregado de peixes prateados nadando naqueles baixios, onde se viam as pedrinhas coloridas e areias douradas do fundo, até chegar naquele riozão enorme chamado Itajaí Açu.

Ruy Moreira da Costa

Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar (IX)

Pe. Antônio Francisco Bohn

ANO DE 1965:

Termo 1: Missa do Ano Novo, em 01.01.

Termo 2: 1ª. Comunhão das capelas, em 06.01.

Termo 3: Provisões em favor dos sacerdotes, fabriqueiros e das capelas.

Termo 4: Provisão em favor de Fr. Otocar como confessor extraordinário das Irmãs e Fr. Godofredo, confessor ordinário, em 10.01.

Termo 5: Profissão de fé católica, em 08.04.

Termo 6: Profissão das Irmãs, em 02.02.

Termo 7: Assinaturas do periódico "Cruzeiro".

Termo 8: Celebração da Semana Santa.

Termo 9: Celebração do mês de maio dedicado a N. Senhora.

Termo 10: Festa de São Pedro, em junho

Termo 11: Dia da Catequese, em agosto.

Termo 12: Curso de Noivos, em setembro.

Termo 13: Coleta para as Missões, em outubro.

Termo 14: Preparação para a 1ª. Comunhão nas escolas Honório Miranda e Ivo d'Aquino.

Termo 15: Demolição do antigo salão Cristo Rei (sem data).

Termo 16: Missa de Ação de Graças, em 08.12.

Termo 17: Ordenação sacerdotal de dois gasparenses: Fr. Antônio Moser em Petrópolis (15.12), e Pe. Lino Fistarol em São Paulo (05.08). Primícias em Gaspar,

em 19.12.

Termo 18: Movimento religioso de 1965: Comunhões (128.063), 1ªs. comunhões (465), batizados (560), casamentos (109), visitas aos doentes (125), extremas-unções (64).

ANO DE 1966:

Termo 1: Renovação das provisões dos sacerdotes, conselhos e capelas, em janeiro.

Termo 2: Provisões sobre diversos assuntos.

Termo 3: Criação do Colégio Normal em Gaspar.

Termo 4: Passagem da imagem de N. S. Aparecida por Gaspar, em 25.05.

Termo 6: Bênção da capela de Lagoa, em 16.04.

Termo 6: Instalação dos novos alto-falantes da matriz, em julho.

Termo 7: Celebração do Dia Nacional da Bíblia, em 29.09.

Termo 8: Vigília do Advento em preparação ao Natal.

Termo 9: Ordenação sacerdotal de dois gasparenses: Fr. Ivo Theiss e Fr. Guido Scotini em Petrópolis (21.12.). Primícias em Gaspar.

Termo 10: Não se realizou o Curso de Noivos.

Termo 11: 1ª. Comunhão, em novembro

Termo 12: Movimento religioso de 1966: Batizados (536), casamentos (101), comunhões (146.722), 1ªs. comunhões (530), visitas aos enfermos (125), extremas-unções (68).

AO REDOR DO DR. BLUMENAU (XIII)/(Fim)

THEOBALDO COSTA JAMUNDA

EMBARQUE: CONDIÇÕES, DETALHES

Opunha-se Abrantes ao engajamento de emigrantes pelos armadores de navios, cujo interesse era arrebanhar o maior número, sem nenhuma seleção.

A bordo dos navios que transportavam emigrantes, os maus tratos eram tantos que a Holanda, pelo Edito Real de 18 de dezembro de 1837 (mencionado por Abrantes) obrigou os empresários de emigração a prestar caução e fixou o número de passageiros em relação ao das toneladas de cada navio, quantidade e qualidade de alimento, etc. Providências semelhantes foram tomadas pelo Senado de Bremen, depois pelo Governo Belga (decreto de 11 de março e 27 de setembro de 1845), etc.

"É hoje fácil, portanto, evitar o perigo, tão ordinário dantes, de confiar centenas de colonos a quem pudesse quase impunemente matá-los a fome", diz Abrantes, que não hesita em aludir ao "arbitrio e avareza" dos armadores. E da proliferação desses agentes de emigração, diz Abrantes: "Em quase todos os portos da Alemanha, e particularmente em Bremen, há navios cujo destino ordinário é o transporte de emigrados ou colonos para além-Atlântico".

Sobre os contratos de afretamento de navios para transporte de colonos, segundo o relatório oficial do Visconde, eram estas as condições usuais: "Preço fixo pela passagem e comida durante a viagem de cada indivíduo". Menor preço se cobrava pela passagem de crianças de 2 a 14 anos. Era permitido a cada emigrante levar 40 libras (peso) de bagagem. "Segundo informações que pude colher, o máximo preço das passagens que tem regulado em vários portos é para os adultos o seguinte: Hamburgo, para os Estados Unidos ou para o Brasil-Norte (aconteceu em 1838) — 7 ½ libras esterlinas".

Julga o Visconde possível conseguir por ££ 8 para adulto e ££ 6 para criança transporte para o sul do Brasil. Assim, um navio de 600 toneladas, recebendo um máximo de 240 colonos (2 para cada 5 toneladas) seria fretado por 1.860 libras.

A EMIGRAÇÃO CONTRA A VONTADE E A EMIGRAÇÃO DIRIGIDA

"Há mais de 60 anos que os alemães não cessam de emigrar", observa o Visconde de Abrantes, em 1846. Calcula-se que de 1824 a 1844 "emigraram anualmente 40.000 indivíduos, levando 35 milhões de florins em dinheiro e bagagem". Com essa emigração perdeu a Alemanha, em seu conjunto, nesse período de 20 anos, 800.000 habitantes válidos e perto de 700 milhões de capitais".

Com a União Aduaneira das províncias alemãs, primeiro ato da unificação, houve a possibilidade (e talvez a consciência) de avaliar essa perda. Quem diz isso é o Visconde de Abrantes, em seu Relatório oficial:

"Antes do estabelecimento do Zollverein mal havia quem apreciasse esta perda anual de braços e valores; porém logo que a União das Alfândegas, criando um interesse comum a toda a Confederação Germânica, provocou a discussão de questões de comércio, indústria e economia nacional, não faltou quem ousasse chamar a atenção pública sobre tão grave assunto. A Imprensa começou por invocar a humanidade dos governos a favor dos milhares de emigrados... e depois despertou a idéia de dirigir-se a emigração de modo que pudesse ser de utilidade para a Alemanha, senão já, ao menos no futuro".

Começam então as providências. Eram as primeiras providências, destinadas a evitar a emigração intensiva.

"Na primeira Câmara da Hessa Grã-Ducal, o Ministro DE GAGERN lembrou a conveniência de se adotarem medidas que atenuassem o mal que resulta da emigração constante e progressiva. Um Deputado na Dieta provincial do Reno (Prússia Renana), em agosto de 1843 propôs se pedisse a El-Rei que criasse uma Comissão encarregada de superintender o embarque, desembarque e estabelecimento dos emigrados além do Atlântico.

"Em abril de 1844, o Deputado Müller, na Segunda Câmara da Baviera, indicou se suplicasse a El-Rei que de acôrdo com os Gabinetes de Confederação desse providências para que os emigrados não só deixassem de cair nos laços dos engajadores de má fé e de empresários ávidos nos portos de embarque, como achassem nos países transatlânticos terras próprias para a cultura, por preços razoáveis, em paragens convenientes, afim de que se estabelecessem reünidos e fundassem colônias compactas, onde conservassem a língua e costumes, cujo comércio com a mãe-pátria pudesse ser vantajoso à indústria alemã, que acharia em tais colônias outros tantos mercados para o seu consumo. Esta indicação foi aprovada por grande maioria...

BASES DE UMA «POLÍTICA EMIGRATÓRIA»

Observa Abrantes, em 1846: "E pôsto que os Governos Germânicos não se tenham ainda entendido sôbre êste objeto, que em verdade parece ser árduo e complicado, não é todavia impossível que eles tomem por fim algum acôrdo a favor do programa " de diminuir a perda anual proveniente da emigração, ou tirar desta o possível proveito".

Verificando a seguir que não podiam evitar a emigração pelos meios até então postos em prática, pois as vicissitudes políticas, as imposições econômicas, tudo, enfim, impelia o alemão a emigrar, optaram os dirigentes pela segunda solução, tal como a indicara o Visconde de Abrantes: "tirar da emigração o possível proveito".

É o próprio Visconde de Abrantes que nos mostra essa segunda fase da política emigratória (quem negará a existência de uma política de emigração, assim como há uma de imigração, em plena época da emigração japonesa dirigida?), quando diz:

Entretanto, desde que a Imprensa e o célebre economista e escritor Frederico List se ocuparam do exame desta questão, foram-se logo formando Sociedades Patrióticas para a realização do dito programa e concertando-se planos para o estabelecimento de colônias compactas. Mais de 30 Sociedades acham-se (1846) organizadas na Alemanha e Suíça, compostas de homens esclarecidos e enérgicos, cujo trabalho não pode deixar de produzir, com o tempo, algum resultado", isto é, a fina flor da direção política da Alemanha, Príncipes e nobres em geral começaram a patrocinar o estabelecimento de colônias, adquirindo ou obtendo terras na América, por conta dessas Sociedades. O príncipe de Solms foi para o golfo do México, mas uma comissão que lá foi examinar as condições sanitárias fê-lo desistir. Grupos de "capitalistas e outras pessoas" da Pomerânia, diz Abrantes, mandaram a gente à Venezuela para escolher local para colônia.

List aconselhava "de preferência a fundação de colônias alemãs nas campinas da Hungria, Transilvânia, Sérvia, Valáquia". Mas dificuldades com os latifundiários centro-europeus, diz Abrantes, impedirão "a realização de quaisquer projetos para a colonização pretendida" nessas regiões. O Drang nach Osten não se realizará. As terras da América são alvos de estudo dessas Sociedades.

"Enfim, diz o Visconde de Abrantes, até as provincias meridionais do Brasil

não têm escapado aos projetistas, que já as indicam como mui próprias para a mesma colonização”.

“Seja, porém, pelo justo receio de que o governo imperial não se prestará a um sistema de colonizar que só pode ter lugar em países não constituídos, apenas ocupados por tribus selvagens; ou seja pela má opinião de que gozamos e falta (como dão a entender certos indivíduos), um Tratado entre o Império do (Brasil) e o Zollverein, que regule as relações de comércio e dê garantias aos emigrados que para lá forem, o caso é que nenhum plano, que me conste, foi até agora públicamente traçado, nos termos dos que ficam mencionados, para o estabelecimento de tais colônias nas referidas Províncias”.

Em complemento a esta súmula do Relatório do Visconde de Abrantes, convém notar: que em 1845/46 a Sociedade de Proteção aos Emigrantes Alemães entrava em contato com o dr. Blumenau, convidando-o para uma visita ao Brasil, a seu serviço. O conde Sturtz reforçou o convite, acenando com uma colocação na Escola Politécnica ou como químico de um laboratório a ser fundado no Rio. Diz um biógrafo do dr. Blumenau, o sr. J. Ferreira da Silva (“dr. Blumenau”, edição do Autor, 1933): “Essa viagem tinha por escopo o reconhecimento da aludida sociedade pelo governo brasileiro e uma demorada visita do representante às províncias do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul”...

O dr. Blumenau, no entanto, não correspondeu aos desígnios da Sociedade que aqui o mandara. Em 1848, numa petição dirigida à Assembléia Provincial (16 de março de 1848), em nome dessa Sociedade, o dr. Blumenau pede, entre outros direitos, os “de cidadãos brasileiros aos colonos que entrassem para a colônia”. ERA AQUELE ANO DE 1848, EM QUE A REVOLUÇÃO SACUDIA A ALEMANHA. ENTRE OS DESCONTENTES, OS VAGOS SOCIALISTAS, ESTAVA BLUMENAU, ASSIM COMO ESTAVA FRITZ MÜLLER, O NATURALISTA. BLUMENAU É ABANDONADO, COMBATIDO, VILIPENDIADO. “TUDO FÔRA EM VÃO”, CONTA ELE EM CARTA A UM AMIGO.

FRUSTRADO O PROJETO ATRAVÉS DO DR. BLUMENAU, QUE SE TORNOU UMA ESPÉCIE DE ANTI-CRISTO DA COLONIZAÇÃO TAL COMO A CONCEBIAM AS SOCIEDADES FUNDADAS E MANTIDAS PELO GOVERNO ALEMÃO (ver Visconde de Abrantes acima citado), há sempre um outro Príncipe, como o Solms, o príncipe Carlos e outros nobres, “capitalistas e outras pessoas” para levar adiante o programa de “tirar da emigração o possível proveito”, achando “nos países transatlânticos terras próprias para a cultura, por preços razoáveis, em paragens convenientes, afim de que se estabelecessem reunidos e fundassem colônias compactas, onde conservassem a língua e costumes, cujo comércio com a mãe-pátria pudesse ser vantajoso à indústria alemã, que acharia em tais colônias outros tantos mercados para o seu consumo”, segundo a indicação aprovada por grande maioria, em abril de 1844, na Segunda Câmara da Baviera.

O Príncipe providencial foi o Príncipe de Joinville. Ao casar-se com uma jovem da família imperial brasileira, o Príncipe de Joinville recebeu no dote da imperial princesa grandes lotes de terra em Santa Catarina. Em 5 de maio de 1849 contratou o Príncipe a transferência dessas terras à Sociedade Colonizadora de Hamburgo, para esse fim organizada. O governo imperial do Brasil, atendendo a solicitações do príncipe, genro do Imperador, concedeu à referida sociedade inúmeros favores, além de pingues subvenções. Assim um outro príncipe intervinha providencialmente para a realização do projeto. E a Colônia Dona Francisca (hoje Joinville, em homenagem a esse príncipe benemérito), passou a ter inúmeros direitos, entre os quais não faltou o de organizar uma Constituição própria. Essa Constituição, assinada por Meyer, Flugge, Bikin, Bernhardt Woschan e Wkribbs, baseava-se na organização comunal, segundo a tradição

alemã. Trechos e comentários dessa Constituição, "promulgada" em 1849, podem ser encontrados em "A Colonização Alemã no Brasil" (O Observador, outubro de 1938, p. 126). Em obediência a essa Constituição, cujos poderes eram "irrevogáveis", elegeram os colonos, em fevereiro de 1856, o primeiro Conselho Comunal, com "poder absoluto" (artigo 1º. § 6), destinado "a ocupar-se dos interesses de cada colono em particular, assim como dos da Comuna, tanto no interior como no exterior" (art. 1º. § 9), etc. O primeiro Conselho Comunal eleito assim se compunha: Léon Aubé, vice-cônsul, representante do príncipe de Joinville, diretor: Heeren, inspetor, Harting, cônsul de Hamburgo.

E tudo isso, a Constituição e outros direitos, eram direitos assegurados nas cláusulas do contrato feito por intermédio do genro imperial, o príncipe de Joinville, com a Sociedade Colonizadora de Hamburgo. A cláusula 3ª. desse contrato assegurava aos colonos "o direito de se dar livres instituições comunais".

O desenvolvimento da política de aproveitamento da emigração, isto é, da emigração dirigida, já apontada pelo Visconde de Abrantes, encontrou seu ponto máximo, na primeira parte deste século, quando a 22 de junho de 1913, no Parlamento alemão, a lei Delbruk foi aprovada com o seguinte artigo:

"Art. 23 — Não perde a nacionalidade alemã aquele que, antes de adquirir uma nacionalidade estrangeira, haja obtido, mediante pedido à autoridade competente do seu Estado de origem, a autorização estrita de conservar sua nacionalidade. Antes de conceder essa autorização, deverá consultar o cônsul alemão".

E o barão Richtofen assim justificava esse projeto no Reichstag:

"Temos o prazer de anunciar que o projeto permite aos alemães que, por motivos de ordem económica se vêem obrigados a adquirir uma nacionalidade estrangeira, conservarem igualmente a nacionalidade do Império... Nos países da América Latina, não é fácil a um alemão que não possua a nacionalidade do país onde reside, sustentar a concorrência com aqueles que adquiriram essa nacionalidade".

A "Memória" do Visconde de Abrantes é sem dúvida um extraordinário documento, de raro valor para a compreensão do problema histórico da imigração e colonização no Brasil. É curioso que esteja tão esquecida essa "Memória", na documentação que se vem levantando para a estruturação de uma verdadeira compreensão lúcida e crítica do fenómeno migratório no Brasil. Do contrário, não veríamos tantas explicações eruditas, repletas de considerações epistemológicas sobre o caráter, o temperamento, as características raciais dos imigrantes alemães, e encontraríamos no distante Visconde uma explicação completa e satisfatória.

NOTA:

Três propósitos moveram-me para escrever e publicar as considerações sob o título, "AO REDOR DO DR. BLUMENAU"

— Um, homenagear sua memória num telão de circunstâncias e referências;

— Outro, prestar homenagem às árvores genealógicas das famílias Odebrecht, Hasse e Schiefter, onde no crochê das genealogias está RUTH ODEBRECHT JAMUNDÁ (24.02.1919 - 17.05.1990) e também ao homem honesto chamado

OTTO STANGE (15.07.1890 - 22.06.1965).

— E ter a oportunidade ambiciosa de sugerir revisão nas homenagens prestadas ao fundador, que, como estão não provocam interesse. — Uma, a estátua é desprovida de atração, por ausência de complementação arquitetônica motivadora, e, mais ainda ser localizada em via prestan-do homenagem ao insigne Duque de Caxias, patrono do Exército Brasileiro. O espaço público é dividido por dois, diferentemente situados na História. — Quanto

no Mausoléu, este, pelo significado intrínseco não provoca atração. Existe algo no substantivo "Mausoléu" que não é motivador de interesse cultural.

Portanto e por tudo, se pode imaginar, que, homenagem com potencialidade, seria, denominar a sede do Governo Municipal

de "PALÁCIO DR. BLUMENAU". E do espaço ajardinado remover a locomotiva (ALI, APENAS, DECORATIVA) e no mesmo com suficiente estrutura monumental plantar a estátua. Existindo no espaço legenda informativa nas línguas dos colonos operadores do progresso regional.

REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

Atilio Zonta,

- Posse do Pároco Padre Leão Muzzarelli;
- Aceitação das Primeiras Associadas à Pia União das Filhas de Maria Auxiliadora;
- Eleição dessa 1ª. Diretoria;
- Sucessor do Prefeito Germano Brandes Júnior;
- Eugênio Poffo, novo Intendente de Ascurra.

Em 6 de maio de 1923, na Matriz de Santo Ambrósio, freguesia de Ascurra, Padre Paulo Hesse, salesiano de Dom Bosco, na qualidade de Delegado enviado por Dom Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo Diocesano de Florianópolis, perante as testemunhas, João Bordin e Carlo Poffo, deu posse no cargo de Pároco de Ascurra, ao Revendo. Padre Leão Muzzarelli, que já vinha dirigindo e construindo, também, o Colégio «São Paulo». Posteriormente, ou seja, em 24 de maio de 1924, celebrou a festa da cumieira dessa monumental obra; em 1925, esse seminário já recebia os primeiros meninos internos; entre eles, o pequeno José Zanotelli, ordenado mais tarde, Padre Salesiano. A 17 de março de 1926 começou a funcionar, plenamente, com 45 alunos. Sua inauguração foi solenemente festejada em 24 de maio desse mesmo ano, pelo seu Diretor e construtor, Padre Leão Muzzarelli, conforme enfatizamos em capítulos anteriores, sobre

a vida desse grande e fervoroso sacerdote.

Aos 31 de maio de 1925, na Igreja Paroquial o Vigário Muzzarelli, realizou com grande solenidade, seguindo as prescrições do Regulamento, a aceitação das primeiras Associadas à Pia União das Filhas de Maria. Ao discorrer, particularmente, sobre as obrigações de cada membro, recomendou-lhes, sobretudo, a perseverança e fervor na prática das normas contidas no Regulamento, em virtude da alta dignidade a que elas se elevam, inscrevendo-se nessa simpática Associação, de exemplo e de oração. As que se matricularam nessa primeira recepção foram quinze como Filhas de Maria e dez como Aspirantes. Seguem os nomes das primeiras: Angelina Buzzi, Emma Finardi, Rosina Possamai, Lúcia Raffaelli, Ambrosina Marchi, Rachel Possamai, Gertrudes Testoni, Maria Franzói, Olympia de Souza, Thereza Buzzi, Anna Possamai, Malânia Bordin, Catharina Poffo, Regina

Zonta e Ida Finardi. As Aspirantes toram as seguintes, Corina Koch, Ebbe Bazzanella, Helena Badalotti, Hercília Zonta, Hilda Schulz, Miranda Bonetti, Leopoldina Dalfovo, Virgínia Possamai, Herminia Raffaeli e Estelina Castilho. Já, em 12 de julho de 1925, na Escola Paroquial, procedeu-se a eleição do primeiro Capítulo, em conformidade com o Regulamento da Associação. Presidiram a Função, o Pároco e a Irmã Diretora das Salesianas. Após as orações de abertura, Muzzarelli, julgou conveniente eleger o Conselho por aclamação, ficando assim constituída a primeira Diretoria: Regina Zonta, Presidente e também Mestra das Aspirantes, bem como, primeira Secretária; 2ª. Secretária Luiza Bonetti; Tesoreira, Ida Finardi, e 1ª. Conselheira, Thereza Buzzi, 2ª. Anna Possamai, 3ª. Melânia Bordin e 4ª. Catharina Poffo. Constituída a Diretoria, o Pároco dirigiu-lhes palavras de entusiasmo, lembrando-lhes da obrigação de darem bom exemplo e de serem vigilantes sobre as associadas, afim de corrigi-las caridosamente e animá-las à prática da virtude. Solicitou-lhes, também, a receberem com humildade tais conselhos, cujo motivo, não visava outro fim, senão, o bem das almas. Encerrou-se a função com as preces de costume.

Não podemos olvidar, entretanto, que uma pré-organização das Filhas de Maria Auxiliadora, já havia sido introduzida em Ascurra, no tempo em que os Frades atendiam a Paróquia. Mas, na realidade, as senhoras que pretendiam integrar-se à Associação, não participavam das raras reuniões que eram realizadas, em virtude de esses religiosos, que davam assistência espiritual à região, aparecerem esporadicamente, sem marcar com

antecedência, o dia de sua visita. Porém, quando fossem avisadas, frequentavam as missas e recebiam os sacramentos e conselhos dos reverendos franciscanos, com toda a humildade e fervor.

Em 1933, dia 5 de setembro, houve uma grande festa na Capela da Saxônia, quando fora comemorado o 30º. ano da bênção da estátua de Nossa Senhora do Caravaggio, conseguida e doada pelo Padre João Canônico, em 8 de setembro de 1913.

A 8 de setembro de 1933, procederam à aceitação de trinta e duas senhoras para o Apostolado da Oração, função presidida pelo então Vigário, Padre João Batista Rolando. Participaram todas elas, desse dia em diante, assiduamente, dos Santos Sacramentos e da Santa Missa. Essas devotas seguiam religiosamente o Regulamento e eram seguríssimas, em todo o sentido da palavra.

A 1º. de janeiro de 1943, em Guaricanas, na Capela de São José, esse dia começou com grande alegria e entusiasmo. Houve a 1ª. missa solene cantada pelo neo-sacerdote salesiano, Padre Ângelo Moser, filho dessa localidade e dos primeiros colonizadores italianos. Presentes nesta cerimônia, achavam-se cinco Padres, sendo pregador, o Padre Heriberto Schmith, da Paróquia de Luiz Alves, e assistentes, os Padres, Sílvio Mondini Aleixo Costa, Vigário e, Padre Questor Américo de Barros, Diretor do Colégio «São Paulo».

Em 3 de maio de 1946, às 9:00 h na Matriz de Ascurra, Padre Aleixo Costa, na qualidade de Delegado de S. Excía. Revma. Dom Pio de Freitas, Bispo Diocesano de Joinville, perante as testemunhas Aleixo Merini, Francisco Chiarelli

e Amábilio Merini, deu posse ao novo Vigário da Paróquia de Ascurra, Padre Sílvio Satler, nomeado por provisão de S. Excia., em 20 de fevereiro de 1946. Padre Sílvio, brasileiro, catarinense de Jaraguá do Sul, nasceu na localidade de Rio Gêro e foi também Diretor do Colégio «São Paulo», de 1946 a 1951. Religioso de grande bondade e assinalados dotes intelectuais. Em curto espaço de tempo, conquistou simpatia da população, pois, nele, encontrava conjugada a maior cultura dessa região. Profundamente autoritário, porém, em suas decisões, uma de suas características marcantes, como Diretor e Vigário; mas, sem dúvida, um religioso edificante e seguríssimo em todo o sentido da palavra. Nesses seis anos frente à direção do Colégio, construiu a ala central das salas de aula e dos dormitórios, obras essas de elevado custo, cujos recursos financeiros para fazer face às referidas despesas vieram da Inspetoria Salesiana de São Paulo e, principalmente, de doações oriundas de amigos e benfeitores do Padre Simão, que deixara nos Estados Unidos. Em 22 de maio de 1949, essa grande obra foi inaugurada com festa e júbilo e, na qual, logo após, a direção pode alojar mais de duzentos seminaristas. Com o Padre Sílvio, começou, também, no pátio central do colégio, a fogueira de São João, atraindo de localidades distantes, pais de alunos, em face de programações atraentes, milhares de amigos e ex-alunos salesianos. Essa festa marcou época em Ascurra. Incontestavelmente, Padre Sílvio, foi um sacerdote zeloso e digno, e por suas virtudes merece ter, para sempre, reverenciada sua memória.

Em 24 de maio de 1946, houve

solenemente comemorada a festa de Nossa Senhora Auxiliadora, com o seguinte programa: às 5:00 h alvorada pela banda do Colégio «São Paulo», ao repique dos sinos e ao estourar ribombante dos morteiros; às 6:30 h missa festiva na Capela do Ginásio para os aspirantes; às 7:30 h missa na Igreja Matriz, cantada a duas vozes pelos seminaristas, com comunhão geral de todos os devotos de Maria Auxiliadora; às 9:30 h missa solene para todos os paroquianos e associações religiosas, cantada também a duas vozes pelos aspirantes salesianos. Antes, porém, da missa, houve a bênção da artística lâmpada do SS. Piedoso, oferta do sr. Pedro Bonetti e Senhora; e às 15:00 h grandiosa procissão que, partindo da Igreja Matriz, percorreu a principal rua da Vila e se encerrou no pátio central do Colégio. Abriram ao cortejo solene, um grupo de cavaleiros ricamente ajaezados e todo o povo acompanhou com cantos e rezas, executando hinos marianos ao som vibrante da banda. Na chegada da procissão, panegírico, bênção do Diviníssimo, e finalmente, distribuição de atraentes lembranças alusivas ao grande evento, um acontecimento marcante e histórico.

Marcus Rauh, Prefeito eleito de Indaial, foi empossado no cargo em 31 de janeiro de 1951, na sala de audiências do Fórum, estendendo-se seu mandato até 30 de janeiro de 1956. Rauh, fôra um administrador eficiente, dotado de peculiar bondade. Uma das primeiras obras que fez passar do projeto à execução, por sinal de elevado custo, entre outras de pequeno porte, na sede da Vila de Ascurra, foi o alargamento, em toda sua extensão, da Rua Benjamin Constant,

transformando-a numa Avenida, emprestando ao panorama um aspecto imponente e novo. Essa, foi revestida de macadame vermelho, extraído da pedra do Saltinho. Hoje, a Benjamin Constant, passou a denominar-se de Avenida Brasília. Força de vontade não faltou ao Prefeito Rauh. Soube corresponder às expectativas da população, fazer-se amar e respeitar pelo seu trato, por sua afável cortesia, colocando sempre a bondade acima de quaisquer paixões políticas. Prestativo e atencioso, simples e trabalhador, e de coração aberto às expansões de amizade. Fez ele um bom governo, e para os seus sucessores deixou a prefeitura em elevado nível de mecanização, bem como equipada de veículos destinados ao transporte de colaboradores às localidades distantes da sede do município. Nunca deixou de atender as solicitações do Intendente Eugênio Poffo, amigo e correligionário, pessoa de sua inteira confiança.

Eugênio, era um técnico, no sentido pleno da palavra. Pessoa inteligente, honesta acima de tudo, e de uma visão administrativa ampla e extraordinária. Foram inúmeras as iniciativas tomadas por esse filho de Ascurra, algumas das quais, já apontadas anteriormente

nestas Reminiscências. Tomou também, uma série de providências a fim de que muitos problemas que surgissem nos interiores do Distrito, fossem imediatamente solucionados. Proporcionou a sua terra natal um certo grau de desenvolvimento, deixando todas as obras concluídas e entregues à população que o credenciaram à estima desse grande povo ascurrense, descendentes dos primeiros italianos que se implantaram nos primórdios da colonização. Mais adiante, falaremos de Eugênio Poffo, sobre a sua administração, como Prefeito Municipal de Ascurra.

Assunto nos próximos exemplares de «Blumenau em Cadernos»:

— Década em que Indaial começou a desenvolver-se economicamente;

— Reflexos desse desenvolvimento no Distrito de Ascurra;

— Dispensas de impedimentos matrimoniais na Paróquia de Ascurra;

— Escolhido o local para ser construída a ponte de Ascurra após o acordo firmado entre Ascurra, Rodeio, Indaial e Apiúna e,

— Origem do nome, ASCURRA.

August Heinrich Herwig (Heine)

Causou muita tristeza ao seu vasto círculo de amigos, o falecimento de August Heinrich Herwig, mais conhecido pelos amigos por Heine. Seu falecimento ocorreu na madrugada de 30 de maio, após haver se submetido a melindrosa cirurgia. Toda a biografia do falecido que foi, acima de tudo, o grande amigo da Fundação "Casa Dr. Blumenau", acha-se no Tomo XXXII, página 258 do nº. 9, de setembro de 1991. O registro que ora fazemos é para manifestar nosso profundo pesar pelo falecimento de Heine Herwig que, para nós, sempre foi o amigo certo das horas difíceis. Foi ele quem fez o anti-projeto e posteriormente o projeto para a construção do prédio desta Fundação, (1985/86) e que, durante todo um ano, fiscalizou diariamente as obras para que nada ficasse por fazer. E Heine doou todo este serviço profissional à Fundação, sem cobrar um centavo sequer. Ao falecer, Heine deixou a esposa Mira, sua filha professora Rosemari e seus dois filhos engenheiros Rolf e Heinz, além dos netos. A memória de sua vida dedicada ao trabalho, estará bem guardada e suficientemente registrada nesta revista, e no nosso Arquivo Histórico.

O CAMPO DO SILÊNCIO

Parei diante da igrejinha e olhei em redor, observando o que fôra a vila de São Sebastião da Capela da Lagoa, no interior de Campos Novos. Para a direita, numa baixada, a lagoa redonda que parecia menor, refletindo o azul do céu; para a esquerda, o mato ralo de madeira branca, onde tive há muitos anos uma pequena casa; para a frente e para trás o campo derramado em coxilhas sucessivas até se perder no horizonte azulado. Era o que restava da vila outrora florescente, cuja decadência começou com o tiroteio e a mortandade acontecidos na carreirada de uma festa do padroeiro, num remoto 20 de janeiro. O ódio e a intriga lavraram depois que a fumaça dos revólveres se dissipou e o capim verdejante ficou manchado. Nessa ocasião, cessado o combate onde a maior vencida foi a vila, o velho Coronel Mila, bêbado, jogou para o ar a chepa do palheiro que pitava e gritou em voz pastosa:

— Êta lugar miserável! Tu não vales mais que um pito aceso!

O rebatismo praguejento do velho fazendeiro tinha a premonição de que a vila jamais se reergueria, embora tivesse campos dos mais belos e melhores da região. Dali em diante, tropicando pela estrada do tempo, amarga o peso da tragédia, com o nome esquecido e trocado pelo apelido pejorativo — Pito Aceso.

O campo em redor, radiante na beleza suave das coxilhas mansas, convive com o silêncio. Não o silêncio sadio e natural das campanhas, mas a quietude angustiante do vazio de vida e movimento. Na verdade, o campo já não é mais campo, transformado numa só lavoura, eliminando os capões, secando os banhados, expulsando os moradores, humanos ou não. Só os motores das máquinas, de tempos em tempos, violam o silêncio.

Não se ouve mais o pio da perdiz na macega onde aninhava, antes tão comum e frequente. Nem o grito da passarinhada, voando em bandos de um capão para o outro, enchendo o ar de pios tão diferentes e o céu de sons bizarros. Também não se ouve mais o grito raivoso e áspero dos quero-queros, guardiães atentos da prole, denunciando de pronto a invasão de entes estranhos em seus domínios. Para onde foram esses moradores alados dos campos, em que invios se enfiaram, se é que ainda existem, ninguém sabe.

Não se ouve mais o berro do boi pastando nas coxilhas ou ruminando em algum rodeio debaixo das velhas árvores. Bois e árvores também quase não existem, com seu espaço tomado pelo interminável tapete de lavouras de grãos. Desapareceram no passado o som cadenciado do trote das mulas, o rangido dos cargueiros no transporte dos mantimentos, a voz monótona da peonada repontando o gado, o acôo dos cachorros chegando no garrão da rês desgarrada.

Na lagoa, nem sinal dos lambaris que borbulhavam, subindo e descendo pelo arroio serpenteante e de água gelada que a alimenta,

recolhendo filetes perdidos nas canchadas. Pólos malignos e traiçoeiros, semeados nas plantações e trazidos pelas chuvas, acabaram com sua alegria festiva de viver. E a velha lagoa, vazia e ácida, só faz refletir o céu iluminado pelo sol ou pela lua — derradeiro prazer que lhe resta. Até a piaçada que um dia se largava pelada na água cortante, quebrando a calmaria da superfície, é coisa de dantes, existe só na lembrança.

E a casa da festa, ali ao lado da igreja? O casarão que se agitava nas noites de baile, com a gaita enchendo de sons o campo em redor, os pés dos dançarinos amassando o soalho de pinho encerado? Ele também sumiu, devorado pelo tempo e aproveitado seu lugar para mais um cantinho da lavoura dominante em que a soja é o novo e único senhor!

Para com ela, no final, matar a fome insaciável dos porcos roliços e luzidios, no outro lado do mundo, no longínquo Japão.

U. B. E. — 50 ANOS

A União Brasileira de Escritores — UBE/SP completou cinquenta anos de existência no último mês de março. Fundada em plena ditadura Vargas, ela unificou três outras entidades e desde então vem se empenhando na luta em favor do escritor brasileiro. É hoje o mais representativo órgão nacional da classe, congregando associados de todo o país e mantendo seções em diversos Estados. Outorga todos os anos o troféu «Juca Pato», concebido por Belmonte, no concurso «Intelectual do Ano», escolhido em eleição direta pelos sócios. Publica o jornal «O Escritor» e promove concursos literários e outros eventos culturais. Seu atual presidente é o escritor Henrique Losinskas Alves.

VARIADAS

A Fundação Casa Dr. Blumenau promoveu a exposição «Pontas de Lança», com artistas de Joinville, e performance de Márcia Cruz, na Galeria Municipal de Artes, em Blumenau. *** Promoveu também o lançamento oficial do concurso para restauro, reconstrução e ampliação do prédio da antiga Prefeitura de Blumenau, local onde será o futuro Centro de Cultura, uma das mais antigas aspirações da classe. *** Promoveu ainda uma exposição do acervo da UFSC, com o título de «Vinte e duas visões», reunindo artistas como Hassis, Janga, Zacarias e outros. Também na G. M. A. *** Está circulando o segundo número do suplemento cultural «Ô Catarinal», editado pela Fundação Catarinense de Cultura, contendo matérias de várias áreas, ficção e notas informativas. *** Foi lançada em Blumenau a coletânea «Blumenália Poética 2», editada por Lauro Lara Editora, com capa de Telomar Florêncio, reunindo 25 poetas das mais variadas tendências. A Editora anuncia para breve o volume «50 Poetas de Santa Catarina» e a ficção «Negro», de autoria de Lauro Lara. *** «Campo Grande, meu amor» é uma antologia que reúne os vencedores do 4º Concurso de Crônica e Poesia daquela cidade. Entre os premiados está o catarinense Adair José de Aguiar, advogado na cidade de Indaial, com a crônica «Pensão

Bentinho» e o poema «Capital-Talismã». *** «Emília e o fantasma do sítio» é uma peça infantil, baseada em Monteiro Lobato, que foi apresentada no Teatro Municipal Tamoio, da cidade de Lages. Foi montada pelo grupo teatral Gente Nova e fez grande sucesso. *** Realizou-se entre 3 e 5 de junho, na cidade de Tubarão, numa promoção da Universidade do Sul de Santa Catarina, o II Encontro Internacional de Direito da América do Sul e também o II Fórum Universitário sobre Mercosul, com a participação de juristas e estudantes brasileiros e estrangeiros. *** Será realizada em Blumenau, entre 25 e 28 de agosto, a XI Conferência Estadual dos Advogados, como promoção da Seção Estadual e da Subseção local da OAB. Vários eventos constam da programação. *** «Explicações» é um folheto contendo poemas de Elias Boell Júnior, que está circulando entre os apreciadores da poesia. *** Sobre a visita de Teresinka Pereira, que faz um périplo pelo país, incluindo Santa Catarina, falarei em outra oportunidade.

ENSINO PÚBLICO E PARTICULAR EM BLUMENAU

W. J. Wandall

5. Grande enchente de 1880

«Por volta de 1880 existiam na Colônia três grandes barracões que já não eram utilizados para a sua finalidade, que era a de alojar imigrantes vindos à Colônia, sendo que um deles, já em ruínas, se achava situado na barranca do Rio Itajaí, não muito distante do Colégio. Desejando aproveitar as telhas e outros materiais desse barracão, Pe. Jacobs dirigiu-se a Sua Alteza Imperial, D. Pedro II, pedindo-lhe a cessão do mesmo e endereçando outra petição ao Presidente da Província, para que este intercedesse no sentido de obter o deferimento favorável». Assim estava redigida a petição do Padre José Maria Jacobs a Sua Majestade, o Imperador:

«Senhor:

Diz o Pe. José Maria Jacobs, fundador e diretor do Pensionato Central de São Paulo de Blumenau, estabelecido em janeiro de 1877, no qual recebem instrução,

principalmente da língua nacional, pobres alunos de ambos os sexos de todas as partes, também das mais remotas da Colônia. Brasileiros, alemães, italianos, ingleses, franceses e polacos, dos quais a maior parte tem, além da instrução gratuita, sustento e alojamento, e não poucos ainda vestidos as expensas do Suplicante, que aumentando diariamente o número de ditos pobres alunos, de sorte que já não oferece suficiente capacidade o edifício em que o Pensionato funciona, e que foi edificado às custas do Suplicante e sendo os recursos pecuniários do mesmo muito exíguos, e todos os seus meios particulares exaustos para esta instituição, e achando-se nesta Sede atualmente sem serventia alguma e disponíveis as barracas de recepção de emigrantes.

Vem humilde e respeitosa-mente suplicar V. M. I., haja por bem mandar transferir para o terreno

da Matriz uma das referidas bar-
racas, a fim de aumentar o dito
pensionato, ficando assim o Supli-
cante habilitado a admitir um nú-
mero de pobres alunos, que sem
a graça pedida estão impossibilita-
dos de receber instruções algumas.
Tendo a Câmara Provincial desta
Província, em consideração da
utilidade pública do referido esta-
belecimento, que consta atualmen-
te de 107 alunos, votado uma sub-
venção anual e sua Excia. o Ilmo. Sr.
Presidente da Província exprimido,
na sua visita memorável a esta Co-
lônia, em termos lisonjeiros, sua
satisfação com o mesmo, como
também o Sr. Dr. Blumenau, Dire-
tor da Colônia e o Dr. Mueller
Inspetor de escolas, o Suplicante
mais confia na generosidade ilus-
tre de V. M. I. de ser deferida a
súplica acima.

E. R. M.

(as.) Pe. José Maria Jacobs».

Também ao Presidente da Pro-
víncia da Santa Catarina, o Padre
Jacobs encaminhou uma petição,
vazada nos seguintes termos:

«Senhor:

Cheguei nesta Colônia e co-
mecei a paróquiação no dia 16 de
setembro de 1876. Vendo que os
colonos deste vasto terreno habi-
tam distâncias enormes e carecem
dos meios para estabelecer esco-
las, e julgando que a educação mo-
ral e intelectual da mocidade é não
menos importante e necessária que
a paróquiação dos adultos, logo re-
solveu fundar um pensionato-cen-
tral nesta Sede, no terreno da Ma-
triz, para dar oportunidade a to-
dos os pais da Colônia, sem dife-
rença das crenças religiosas, de
mandar seus filhos de ambos os
sexos.

Tendo recebido como esmola

duma parte dos habitantes, a quan-
tia de Rs. 720\$000 e adido quase
todos os seus meios particulares
trazidos comigo da Europa, abrí a
primeira aula no dia 16 de janeiro
de 1877. Crescendo cada vez mais
o número de alunos, internos e
externos, construí novos edifícios
indispensáveis com despesas de
Rs. 2:800\$000; e agora contando
o Instituto mais do que 100 indiví-
duos, estou sendo obrigado a ampli-
ar outra vez os ditos edifícios.
Mas, não podendo esperar nestes
tempos de pobreza geral, ne-
nhuma assistência dos habitantes
e tendo exausto completamente
meus meios particulares, pedi
ultimamente ao Governo Imperial
digne-se transferir uma das 3 bar-
racas de imigrantes para o terreno
da Matriz, para o fim aludido.

Dos alunos requeiro só 120
réis diários para alojamento, ca-
mas, utensílios de mesa, etc. Des-
ta quantia recebi — no ano de
1877 — 55 por cento. No ano de
1878, 45 por cento. No ano de
1879, 23 por cento e no ano de
1880, 14 por cento. Com isto mui-
tos alunos recebem também de
mim os necessários vestuários, por
causa da extrema pobreza de seus
pais. Os professores primários são
o Sr. João Piess e eu, os secundá-
rios os Srs. Bernardo Tompson e
Nicolau Alpen. As senhoras que
cuidam da cozinha, dos dormitó-
rios, da costura e da lavação, etc.
são: Murphy, Tompson, Gertrudes
Schmitz, Catharina Schmitz e Ma-
ria Kienen; além disso tenho qua-
se sempre 3 a 4 homens para os
outros trabalhos necessários.

As partes que ensinam neste
Instituto são: Doutrina, História
Bíblica, Ler Escrever, Memorar e
Declamar, Português, Alemão,
Francês, Inglês, Italiano, Ortogra-

fia, Contar e Aritmética, História do mundo, História do Brasil, Geografia, História Natural, Desenhar, Cantar, Latim, Geometria, Piano e Violino; estas últimas partes naturalmente só a alunos especiais.

Portanto, o Suplicante vem suplicar a V. Sa. digne-se benignamente interceder com o Governo Imperial para obter, em primeiro lugar, uma das referidas barracas e também, sendo possível, um honorário anual ao menos para um dos professores primários.

E. R. M.

(as.) Padre José Maria Jacobs».

A resposta das petições do Padre Jacobs a Dom Pedro II e ao Presidente da Província de Santa Catarina, segundo o historiador José Escalabrino Finardi, não foi a esperada pelo Vigário de Blumenau. «Encaminhamos, como de praxe, para serem informados pelo Diretor da Colônia, Dr. Blumenau, este, numa compreensível atitude de respique, manifestou-se frontalmente contra a cessão pleiteada...»

Pensando em como conseguir o seu intento, o Padre José Maria Jacobs, assim como os moradores do Vale do Itajaí, foram surpreendidos pela catastrófica enchente de setembro de 1889, quase arrazando o Vale do Itajaí e obrigando a adiar a instalação do Município de Blumenau, tendo sido elevada a essa categoria recentemente a ex-Colônia.

Diante de tal catástrofe a prioridade maior para os blumenauenses foi o atendimento aos flagelados. Tanto a Igreja Matriz, como o Colégio Central São Paulo, inclusive, outros pontos não atingidos pela grande cheia, foram ocupados

para abrigar quem teve suas propriedades inundadas. Igualmente, os recursos financeiros chegados à Blumenau, eram destinados à recuperação das danificações sofridas pela população e também pelos bens públicos.

Amenizada a crise resultante da cheia de 1880, voltou o Padre José Maria Jacobs a se dirigir «a seu amigo João Rodrigues Chaves, Presidente da Província, em carta «Confidencial», fazendo-lhe dramático apelo no sentido de que contornasse o impasse criado pelo Dr. Blumenau». Refere-se Finardi à negativa do Diretor da Colônia em ceder um dos barracões de imigrantes ao Colégio São Paulo de Blumenau, objeto das petições do Padre Jacobs enviadas ao Imperador e ao Presidente da Província de Santa Catarina, em meados do ano anterior, à quebra de hierarquia administrativa. A carta «confidencial», escrita pelo Padre José Maria Jacobs e endereçada ao Presidente da Província, estava desta forma redigida:

«Blumenau, 14 de abril de 1881.

Ilmo. e Exmo. Sr. Presidente desta Província:

O Sr. Dr. Blumenau, recebendo de V. Excia., para informar, a minha petição relativa a uma barraca de emigrantes desta Sede, parece que ficou muito ofendido porque escrevi o dito requerimento sem consultá-lo, e por isso me dizia francamente que quis informar «CONTRA», tanto mais porque as barracas foram construídas não para escolas mas sim para os imigrantes. É por isso que tomo a liberdade de dirigir-me confidencialmente a V. Excia., confiando na generosa promessa que me fez na ocasião de Sua memorável visita

depois da enchente, de proteger benignamente este Instituto de São Paulo, mormente porque tantos meninos das diferentes nacionalidades e crenças religiosas recebem grátis educação, alojamento e muitos também todo o seu vestuário. Tendo já exausto todos os meus meios particulares, é impossível para mim construir um edifício, devido o número cada vez maior dos alunos que precisam ser atendidos, sem a pedida subvenção, isto é, transferência de uma barraca de imigrantes para o terreno da Matriz.

Neste tempo de pobreza geral os colonos mesmos não podem ajudar, e por isso não há outra alternativa que mandar para casa os alunos ou construir uma nova aula, pois a outra construída, às minhas custas, não tem mais condições de receber outros alunos. Habitando a maior parte de nossos colonos numa distância de 2

à 10 léguas da Sede, e não tendo os meios para fundar escolas particulares, a maioria de nossa mocidade, sem o referido Instituto de São Paulo, deve ficar sem instrução alguma, o que me parece uma grande desgraça para os indivíduos, para a sociedade e para o Estado. Por essas razões, humildemente, suplico a V. Excia., por amor de Deus e por amor das almas imortais e por amor ao bem público, digno-se me acordar Sua Influência valiosa com Governo Imperial, para obter deferimento do aludido requerimento.

E. R. M.

(as.) Pe. José Maria Jacobs».

E o esperançoso Vigário de Blumenau ficou aguardando, com muita euforia, pedindo a Deus para que iluminasse a mente dos governantes, dando-lhe deferimento na sua pretensão e no menor tempo possível.

A FAMÍLIA WEHMUTH

por Nelson V. Pamplona

IX — BRUNO WEHMUTH E SEUS DESCENDENTES (3ª. parte)

97. Sonia Maria Galle nasceu em 21 Dez. 1951 em Porto União-SC e casou na Igreja Luterana Porto União-SC com Dieter Bindemann, nascido em 27 Ago. 1951. O casal mora em Joinville-SC.

Filhos:

I Francine Bindeman nascida em 8 Mai. 1980.

II Michele Bindeman nascida em 26 Nov. 1982.

98. Leoni Galle, professora, nasceu em 3 Mai. 1958 em Canoas-SC, e casou na Igreja Luterana — Curitiba-PR com o Agrônomo Salazar José da Silva, nascido em 23 Nov. 1954 nesta última cidade. O casal reside em Mato Grosso do Sul.

Filhos:

I Lenisa da Silva nascida em 4 Nov. 1987.

II Leonar da Silva nascido em 27 Jan. 1990.

99. Gilson Osmar Eggers, Depachante do Detran, nasceu em 6



Hotel Wehmuth ao lado do Salão em Gaspar

Dez. 1962 em Santa Cruz do Timbó-SC, e desposou em 16 Fev. 1991 na Igreja Luterana Porto União-SC, Rose de Fátima Adler Rodrigues, Economista nascida em 17 Fev. 1964 no Rio Grande do Sul. Gilson foi eleito vereador por Porto União-SC, nas eleições de Dez. 1992.

Filhos:

I Giullia Henriette Eggers nascida em 17 Fev. 1993 em Porto União-SC.

100. Gilberto Odilon Eggers, Economista e funcionário da Celesc em Mafra-SC, nasceu em 12 Jan. 1965 em Santa Cruz do Timbó-SC. No dia 9 Jan. 1988, contraiu núpcias na Igreja Luterana Porto União-SC com Isolete Ramlow, Contadora nascida em 23 Dez. 1968 sendo que a família reside em Mafra-SC.

Filhos:

I Bruna Emanuelle Eggers nascida em 30 Jan. 1993 em Porto União-SC.

101. Elinor Pamplona nascida em 31 Jul. 1934 em Gaspar-SC, casou em 3 Set. 1955 na Igreja São Pedro Apóstolo-Gaspar-SC, com o Bancário Evilásio da Silva, nascido em 23 Abr. 1933 em Gaspar-SC.

Filhos:

I Stela Maria da Silva nascida em 2 Out. 1956 em Gaspar-SC, onde é Professora, casou em 16 Abr. 1978 na Igreja São Pedro Apóstolo Gaspar-SC, com o Médico Veterinário Carlos Francisco Deschamps, nascido em 8 Mai. 1961, também em Gaspar-SC.

166. II Regina Maria da Silva nascida em 27 Set. 1958.
167. III Sergio Roberto da Silva nascido em 27 Set. 1960.
- IV Eliana Maria da Silva, Professora, nascida em 16 Mar. 1963 em Gaspar-SC, é esposa do Auditor Antonio Bonifácio Schmitt Jr. nascido em 12 Ago. 1960 em Itajaí-SC, com quem casou em 22 Jun. 1990 na Igreja São Pedro Apóstolo-Gaspar-SC.
- V Fernando Luiz da Silva nascido em 11 Jun. 1968 em Gaspar-SC é Programador em Informática e casou no dia 20 Dez. 1991 na Igreja São Pedro Apóstolo-Gaspar-SC com Silvia Wehmuth. Silvia é Desenhista, filha de Siegfried Wehmuth e Elza Sabel, nascida em 6 Fev. 1968 em Gaspar-SC.

102. Lordemar Pamplona, Escrivão Coletoria do Estado, nasceu em Nov. 1935, e casou no dia 16 Fev. 1962 na Igreja Pio XII-Ilhota-SC com Maria Bernadete Curbani.

Filhos:

- I Maria Juçara Pamplona nascida em 25 Jan. 1964, Ilhota-SC, é Advogada.
- II Alexandre Pamplona nascido em 21 Abr. 1965, em Ilhota-SC.
- III Marcelo Pamplona nascido em 11 Nov. 1976 em Lages-SC
- IV Ana Paula Pamplona nascida em 9 Mai. em Lages-SC.

103. Meridalva Pamplona é proprietária de uma farmácia em Gaspar onde nasceu em 22 Jun. 1943 e também casou em 16 Jun. 1962 na Igreja São Pedro Apóstolo. Seu marido, comerciante Daniel Solano Schramm, nasceu em 13 Mai. 1939 e faleceu em 4 Jan. 1964 em Gaspar-SC.

Filhos:

168. I Tania Schramm nascida em 23 Mar. 1963.

104. Miriam Terezinha de Souza Pamplona, administra sua Floricultura em Gaspar-SC, onde nasceu em 3 Out. 1939 e também casou no dia 26 Abr. 1958 na Igreja São Pedro Apóstolo-Gaspar-SC, com Henrique José dos Santos, nascido em 29 Abr. 1932 na mesma cidade.

Filhos:

169. I Luiz Henrique dos Santos nascido em 1 Jun. 1959.
- II Luiza Helena dos Santos nascida em 27 Mai. 1960 em Gaspar-SC, onde é Professora.
170. III Isabel Cristina dos Santos nascida em 2 Mar. 1963.
- IV Carlos Alberto dos Santos nascido em 26 Fev. 1964 em Blumenau-SC.
- V Daniela Carla dos Santos nascida em 12 Jul. 1975 em Blumenau-SC.

105. Maurília Pamplona nasceu em 13 Nov. 1944 em Gaspar-SC, e desposou em 28 Nov. 1970 na Igreja São Pedro Apóstolo-Gaspar-SC Waldir Beduschi, nascido em 7 Mai 1935 em Gaspar-SC. Maurília é professora e Waldir Topógrafo.

Filhos:

- I Clarissa Pamplona Beduschi nascida em 13 Jan. 1973 em Gaspar-SC, onde é Professora.

II Giovanni Pamplona Beduschi nascido em 18 Mar. 1976 em Gaspar-SC.

III Luciano Pamplona Beduschi nascido em 8 Set. 1979 em Gaspar-SC.

106. Carlos Francisco Pamplona. Bancário nascido em 31 Jan. 1948 em Gaspar-SC, casou em 31 Out. 1973 na Igreja São Pedro Apóstolo com Maria Cecília Francisco, Professora, nascida em 20 Jan. 1950 em Itajaí-SC.

Filhos:

I Carlos Francisco Pamplona Jr. nascido em 12 Abr. 1976, Gaspar-SC.

II Juliana Pamplona nascida em 3 Mai 1978 em Gaspar-SC.

III Milena Cristina Pamplona nascida em 21 Out. 1980 em Araguaiana-GO.

107. Cleusa Wehmuth nascida em 25 Jan. 1951, casou em 15 Mai. 1973 na Igreja São Pedro Apóstolo-Gaspar-SC com Hernani Vieira Pamplona, nascido em 1 Abr. 1947 na mesma cidade. Hernani, filho de Dorval Rodolfo Vieira Pamplona e de Maria Deischmen, é Diretor da CELESC Centrais Elétricas de S. Catarina e Vereador da Câmara Municipal de Gaspar de 1977 a 1982.

Filhos:

I Fabricio Pamplona nascido em 30 Mai 1974.

II Tatiana Cristina Pamplona nascida em 9 Jul. 1977.

III Hernani José Pamplona nascido em 29 Abr. 1982.

IV Simone Cristina Pamplona nascida em 20 Ago. 1984.

108. Conrado Zimmermann, Coni para os íntimos, Engenheiro Agrônomo, nasceu em 23 Jul. 1939 em Blumenau-SC, casou em 12 Out. 1963 na Igreja São Pedro Apóstolo-Gaspar-SC, com Maria do Rosário Polli, nascida em 1 Out. 1942 em Blumenau-SC.

Filhos:

I Beatrice Regina Zimmermann nascida em 27 Jan. 1966 em Rio do Sul-SC é Pedagoga e Secretária Geral da Escola Dinâmica em Florianópolis-SC.

II Conrado Zimmermann Jr., advogado. nasceu em 13 Mar. 1967 em Rio do Sul-SC.

III Claudio Marcio Zimmermann nascido em 7 Mai. 1972 em Florianópolis-SC.

109. Lea Zimmermann, Diretora de Escola Estadual, nasceu em 11 Set. 1940 em Blumenau-SC, casou no dia 30 Mai 1964 na Igreja São Pedro Apóstolo - Gaspar-SC com o Fiscal do INSS Henrique Roberto Koerich, nascido em 26 Ago. 1937 em Gaspar-SC.

Filhos:

171. I Paulo Norberto Kõerich nascido em 12 Mar. 1966.

172. II Marco Antonio Kõerich nascido em 26 Set. 1966.

173. III Mara Lucia Kõerich nascida em 16 Abr. 1968.

110. Eliane Zimmermann, Nane com o carinho dos amigos, Professora, nasceu em 1 Jan. 1953 em Gaspar-SC, e casou em 26 Jul 1974 na Igreja São Pedro Apóstolo-Gaspar-SC, com o Representante Comercial José Edson Carlos Negromonte, nascido em 28 Nov. 1948 em Pau D'Alho-PE.

Filhos:

I Eduardo Zimmermann Negromonte nascido em 5 Dez. 1975 em Blumenau-SC.

II Paulo Oscar Zimmermann Negromonte nascido em 6 Jul. 1981, Gaspar-SC.

111. Edson Wehmuth, Representante Comercial, nascido em 21 Jul. 1955 em Gaspar-SC, casou em 17 Jul. 1982, no Salão do Reino das Testemunhas de Jeová-Capão Bonito-SP, com Meire Antunes Vieira, nascida em 13 Mar. 1964 em Capão Bonito-SP.

Filhos:

I Luisa Vieira Wehmuth nascida em 2 Mar. 1990 em Blumenau-SC.

112. Raquel Maria Fontes, Professora Universitária, nascida em 2 Jun. 1946 em Blumenau-SC celebrou suas núpcias em 7 Jan. 1972, na Igreja São Pedro Apóstolo-Gaspar-SC com Hamilton de Amaral Pereira, Engenheiro Agrônomo, nascido em 31 Mai. 1946 em Itajaí-SC.

Filhos:

I Lúcia de Amaral Pereira nascida em 14 Fev. 1973 em Blumenau-SC.

II Sílvia de Amaral Pereira nascida em 2 Mai. 1976 em Blumenau-SC.

113. Rosa Maria Fontes nascida em 12 Nov. 1947 em Blumenau-SC, Assistente Social, casou com o Administrador Joe Paim Hoffmann no dia 19 Jul. 1974 na Igreja São Pedro Apóstolo-Gaspar-SC, que nasceu em 1 Fev. 1947 em André da Rocha-RS.

Filhos:

I Gustavo Fontes Hoffmann nascido em 20 Mai. 1976 em Florianópolis-SC.

II Carolina Fontes Hoffmann nascida em 13 Dez 1978 em Florianópolis-SC.

III Leonardo Fontes Hoffmann nascido em 13 Dez. 1978 em Florianópolis-SC.

114. Clovis Wehmuth Fontes, Engenheiro Agrônomo, nascido em 27 Jun. 1949 em Blumenau-SC, desposou em 4 Out. 1980 na Igreja São Pedro Apóstolo-Gaspar-SC, Elisabeth Zimmermann, nascida em 26 Abr. 1960 na mesma cidade.

Filhos:

I Carlos Barbosa Fontes Neto nascido em 11 Jan. 1982 em Gaspar-SC.

II Betina Fontes nascida em 11 Out. 1983 em Florianópolis-SC.

III Artur Fontes nascido em 22 Fev. 1990 em Florianópolis-SC.

115. Carlos Eurico Fontes, Suza para os amigos, nasceu em 24 Set. 1950 em Blumenau-SC, Industrial, casou em 13 Jul. 1973 na Igreja São Pedro Apóstolo-Gaspar-SC com Marly Schmitz, nascida em 26 Fev. 1952 em Gaspar-SC.

Filhos:

I Cristina Fontes nascida em 21 Set. 1975 em Blumenau-SC, faleceu em 3 Mai. 1976.

II Maria Luiza Fontes nascida em 9 Abr. 1977 em Blumenau-SC.

III Marina Fontes nascida em 4 Fev. 1979 em Blumenau-SC.
IV Carlos Eurico Fontes Jr. nascido em 5 Jan. 1983 em Blumenau-SC, conhecido por Caíco.

116. Cláudio Barbosa Fontes, formado em Odontologia, nasceu em 3 Jun. 1952 em Gaspar-SC e casou em 3 Jul. 1976 na Paróquia do Colégio Catarinense-Florianópolis-SC com a Advogada Vera Márcia Schiefler, nascida em 20 Jul. 1954 em Lages-SC.

Filhos, todos nascidos em Florianópolis-SC:

I Cláudio Barbosa Fontes nascido em 10 Ago. 1977.

II Márcio Barbosa Fontes nascido em 29 Set. 1980.

III Louise Barbosa Fontes nascida em 5 Ago. 1985.

IV Alvaro Barbosa Fontes nascido em 3 Mar. 1988.

117. Shirley Deggau nascida em 28 Mar. 1946 em Gaspar-SC, casou em 4 Jul. 1972 na Igreja São Pedro Apóstolo-Gaspar-SC com Lorival Amadeu Schmitt, Funcionário do Banco do Brasil.

Filhos:

I Izadora Deggau Schmitt nascida em 16 Set. 1974 em Gaspar-SC é irmã gêmea de Izabel.

II Izabel Deggau Schmitt nascida em 16 Set. 1974 em Gaspar-SC.

III Daniel Deggau Schmitt nascido em 16 Mai 1981 em Gaspar-SC, irmão gêmeo de Helena.

IV Helena Deggau Schmitt nascida em 16 Mai 1981 em Gaspar-SC.

118. Hilário Deggau nascido em 17 Mar. 1953 em Gaspar-SC é Representante Comercial.

Filhos:

I Heloisa Santiago Deggau nascida em 22 Ago. 1986 em Blumenau-SC.

119. Charles Deggau, Comerciante, nascido em 13 Set. 1953 em Gaspar-SC, casou na Igreja São Pedro Apóstolo-Gaspar-SC, com a Professora Salete Trindade, nascida em 7 Jun. 1954 em Gaspar-SC e que veio a falecer em 27 Mai 1987. Em segundas núpcias casou em 16 Nov. 1991, em Itajaí-SC com Silvana Karla da Silva, nascida em 23 Out. 1967 nesta cidade.

Filhos com Salete Trindade:

I Katiana Deggau nascida em 20 Jan. 1980 em Gaspar-SC.

120. Gilson Deggau, Proprietário de Restaurante e Bar em Balneário de Penha-SC, nasceu em 1 Set. 1955 em Gaspar-SC e contraiu matrimônio em 27 Jul. 1985 na Igreja São Pedro Apóstolo-Gaspar-SC com Carmelita Vieira Pamplona, nascida em 11 Jul. 1958 na mesma cidade e filha de Urias Ambrosio Vieira Pamplona e Erica Bailer.

Filhos:

I Roger Deggau nascido em 17 Set. 1986.

II Pamela Deggau nascida em 18 Dez. 1989 em Gaspar-SC.

121. Doriane Deggau nascida em 3 Fev. 1960 em Gaspar-SC, casou com o Comerciante também conhecido por Marinho, Mário José Schmitt, em 11 Abr. 1986 na Capela Juvenato Coração de Jesus-Gaspar, nascido em 16 Mar. 1965 também em Gaspar-SC.

Filhos:

I Camila Deggau Schmitt nascida em 4 Set. 1986 em Gaspar-SC.

II Caroline Deggau Schmitt nascida em 9 Nov. 1990 em Gaspar-SC.

122. Giovana Deggau, Bancária, nasceu em 25 Jul. 1963 em Gaspar-SC.

Filhos:

I Tuani Deggau nascido em 1 Abr. 1990 em Gaspar-SC.

123. Mário Cesar Deggau, Gerente Administrativo da Santur, nascido em 16 Jan. 1946 em Gaspar-SC, desposou Maurina de Lucca na Igreja Luterana Blumenau-SC, nascida em 4 Jun. 1946 na mesma cidade.

Filhos:

I Julio Cesar Deggau nascido em 30 Abr. 1976 em Blumenau-SC.

124. Marina Deggau nascida em 22 Set. 1950 em Gaspar-SC é esposa de João José Caldeira Bastos, nascido em 6 Nov. 1941 em Blumenau-SC.

Filhos:

I Daniel Deggau Bastos nascido em 3 Jul. 1987 em Blumenau-SC.

125. Maurício Deggau nascido em 17 Abr. 1955 em Gaspar-SC, Bancário, casou em 31 Out. 1987 na Igreja São Pedro Apóstolo-Gaspar-SC com Ana Carolina Vieira Pamplona, que nasceu em 4 Jun. 1964 em Gaspar-SC e é filha de Ermirio Vieira Pamplona e Zeny da Cunha.

Filhos: I Luíza Pamplona Deggau nascida em 14 Dez. 1988 em Blumenau-SC.

II Luan Pamplona Deggau nascido em 29 Jun. 1991 em Blumenau-SC.

126. Marcos Deggau, Diretor da firma Cristais Hering, nasceu em 16 Jun. 1959 em Gaspar-SC, e desposou em 6 Out. 1989 na Igreja Luterana Blumenau-SC Beatriz Ines Berner, nascida em 11 Ago. 1968 em Blumenau-SC.

Filhos:

I Gabriela Berner Deggau nascida em 3 Jan. 1990 em Blumenau-SC.

127. Nelson Deggau, Comerciante, nascido em 12 Fev. 1966 em Gaspar-SC, casou em 16 Dez. 1989 na Igreja Luterana-Gaspar-SC com Jeovanea Silva, nascida em 22 Fev. 1967 em Gaspar-SC.

Filhos:

I Havener Augusto Deggau nascido em 14 Ago. 1990 em Gaspar-SC.

II João Max Deggau nascido em 3 Abr. 1992 em Gaspar-SC.

128. Nancy Deggau, Professora, nascida em 20 Jun. 1967 em Gaspar-SC, casou em 25 Fev. 1989, na Igreja Luterana-Gaspar-SC, com Silvério Agostinho Haveroth, Pedreiro, nascido em 11 Nov. 1959 em Blumenau-SC.

Filhos, todos nascidos em Gaspar-SC:

I Aline Haveroth nascida em 26 Ago. 1989.

II Matheus Haveroth nascido em 4 Jan. 1993.

129. Luisita Deggau nascida em 11 Mai. 1954 em Gaspar-SC ca-

sou em 21 Jul. 1978 na Igreja São Pedro Apóstolo-Gaspar-SC, com o Funcionário do Banco do Brasil Sérgio Luiz Schramm, nascido em 22 Abr. 1954 em Gaspar-SC.

Filhos, ambos natural de Blumenau-SC:

I Cristiane Schramm nascida em 29 Abr. 1978.

II Fábio Schramm nascido em 12 Ago. 1980.

130. Rosemary Schmitz nascida em 4 Set. 1941 é esposa de Maurício Lengruber Monnerat.

Filhos: I Maurício Monnerat nascido em 24 Jun. 1964 e falecido em 12 Out. 1982.

II Rodrigo Monnerat nascido em 17 Jun 1965.

III Anna Paula Monnerat nascida em 12 Abr. 1970 que casou em 4 Set. 1992 com Ronny Keller.

131. Celso Schmitz nascido em 12 Out. 1942, marido de Salere.

Filhos:

I Celso Schmitz Jr. nascido em 17 Fev. 1970.

II Paulo Gustavo Schmitz nascido em 8 Mar. 1971.

132. Sergio Schmitz nascido em 22 Nov. 1954, casado com Roseane.

Filhos:

I Monique Daniele Schmitz nascida em 17 Out. 1982.

133. Marcos Wehmuth nascido em 20 Ago. 1946 em Gaspar-SC, casou com Iria nascida em 29 Jun. 1947 em Joinville-SC.

Filhos:

I Marcos André Wehmuth nascido em 9 Jan. 1971.

II Fernando Henrique Wehmuth nascido em 25 Abr. 1983.

134. Fausto Wehmuth nascido em 17 Jul. 1949 em Gaspar-SC, marido de Karin, nascida em 1 Set. 1951 em Joinville-SC.^a

Filhos:

I Cristiana Wehmuth nascida em 5 Ago. 1972.

II Fábio Wehmuth nascido em 20 Fev. 1975.

135. Susan Wehmuth nascida em 16 Jul. 1958 em Gaspar-SC é esposa de Emilio Manke Neto natural de Massaranduba-SC, onde nasceu em 22 Jun. 1951.

Filhos:

I Roberto Emilio Manke nascido em 9 Out. 1978.

II Ana Carolina Manke nascida em 27 Out. 1982.

136. Virgínia Wehmuth, formada em Administração de Empresas, nasceu em 26 Jul. 1955 em Gaspar-SC e casou com o Engenheiro Civil Mario Schmitt, nascido em 6 Jan. 1951 em Gaspar-SC. A família reside em São Paulo-SP, onde Mario é Engenheiro da SABESP.

Filhos:

I Graziela Schmitt nascida em 19 Mai. 1976.

137. Eduardo Wehmuth nascido em 28 Out. 1957 em Gaspar-SC é Engenheiro Mecânico e casou com Elisiana Krauss, nascida em 29 Jan. 1964 em Gaspar-SC.

Filhos:

I Caroline Wehmuth nascida em 15 Jan. 1989.

Na próxima edição será publicada a quarta e última parte da descendência de Bruno Wehmuth.

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), editado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 18 de fevereiro de 1871.

Dona Francisca — O movimento com o Planalto foi bastante intenso nos últimos meses. Desde o princípio de dezembro, desceram a Serra, além de várias tropas de gado vacum, 600 muares carregados de mate, toucinho, etc., os quais carregaram aqui em Joinville açúcar, aguardente, miudezas diversas, calçados, etc. voltando serra acima. Também vieram cavalos do Planalto para serem comercializados nesta praça. Um fato curioso: o mate trazido do Planalto foi remetido para São Francisco, ali vendido com lucro e em seguida enviado para Paranaguá. O trânsito se tornará mais intenso ainda, quando a estrada alcançar a vila de Rio Negro.

Notícia de 25 de fevereiro de 1871..

Dona Francisca — O mensageiro que transporta as malas do correio entre Joinville e S. Francisco, receberá o ordenado mensal de 20\$000 Réis.

Notícia de 3 de junho de 1871.

Dona Francisca — Chamamos a atenção dos leitores sobre o saboroso vinho fabricado pelo Sr. Rudolf Mueller, estabelecido a Estrada da Serra. A chamada uva americana desenvolve-se com facilidade em nosso clima, de maneira que esta nova indústria poderá tornar-se bem importante para o futuro.

Notícia do mesmo dia.

Dona Francisca — O requerimento enviado à Câmara Provincial, assinado por grande número de habitantes da Colônia, pedindo o cancelamento da instituição do município de Joinville, foi indefinido. Por outro lado, também não há notícia sobre a nomeação de autoridades, como juiz, delegado e escrivão.

Notícia do mesmo dia.

Dona Francisca — Ao que tudo indica, a coletoria local será autorizada a efetuar os despachos alfandegários de todos os produtos exportados de Joinville, o que até agora se fazia somente em São Francisco. Uma petição neste sentido, dirigida à Assembléia Provincial, já foi aprovada em duas sessões e esperamos que passe também na terceira, por ser do interesse do comércio local.

Notícia do mesmo dia.

Dona Francisca — A festa do aniversário de fundação da Sociedade de Atiradores, realizada sempre no domingo de Pentecostes, desta vez foi favorecida por ótimo tempo. No primeiro dia de festa, de acordo com o programa, toda a população foi despertada antes do raiar do dia, pelo rufo de tambores. Ao meio-dia os atiradores se reuniram, para levarem o estandarte da sede até o local das competições, acompanhando o rei, ao som da banda de música. Realizaram-se as competições de tiro às aves, nas quais veio consagrar-se rei o Sr. Chr. Sturm. Às 8 horas da noite teve início um animado baile, que se prolongou até depois de meia noite. Na tarde do segundo dia de festa, houve tiro ao alvo e às 5 horas a bandeira da sociedade foi transportada de volta com acompanhamento da banda de música e, após alguns vivas aos dois reis e à bandeira, os associados dirigiram-se a outro local, para continuar a festejar a data do aniversário.

A coleção do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

ALFRED ZINKHAHN

A revista «Noticiário Cremer», edição nº. 171, de maio deste ano, trouxe, em sua página 5, uma reportagem referindo-se a figura de Alfred Zinkhahn que, no dia 22 de abril último, deixou as funções de Diretor Administrativo-Financeiro, que havia exercido por 30 anos, para assumir as funções de membro do Conselho de Administração da Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos.

A informação causou-nos muita alegria pelo ato de justiça da administração superior da Cremer, por tratar-se de uma figura muito admirada e estimada por todos quantos têm com ele tratado.

Aproveitando a oportunidade que nos dá a referida revista, vamos transcrever alguns tópicos contendo os mais importantes dados das atividades desta figura durante seus 58 anos de trabalhos, trinta dos quais na Cremer.

Diz o texto que

«Depois de exercer os cargos de procurador e diretor financeiro da Cremer durante quase 30 anos, Alfred Zinkhahn está deixando a função executiva e passa a integrar o Conselho de Administração da empresa, onde pretende ser útil e alcançar outros objetivos, mantendo assim uma atividade e evitar que aconteça o que mais ele teme, «enferrujar».

Nascido em Frankfurt, Alemanha, em 17 de junho de 1920, Alfred Zinkhahn veio para o Brasil com a família quando tinha apenas 3 anos de idade. Eles desembarcaram em São Francisco do

Sul, trazidos pelo navio «madeira», na sua última viagem. A inflação na Alemanha atingia o auge e esta foi uma das razões que trouxeram seus pais para Blumenau, onde a família passou a se dedicar à agricultura, com plantações e criações na rua dos Caçadores. Mais tarde seus pais montaram uma pequena fábrica de macarrão, no bairro da Velha, e ele passou a frequentar a Escola Alemã (atual Colégio Pedro II), onde cursou até o ginásio, com aulas em português e alemão.

Com o falecimento prematuro de seu pai, Alfred Zinkhahn, aos 15 anos, teve que abandonar os estudos e começar a trabalhar. Seu primeiro emprego foi ser contínuo, limpando a sala da gerência e entregando a correspondência do Banco Nacional do Comércio, atual Banco Meridional. Lá ele permaneceu durante 18 anos e fez carreira, chegando ao cargo de contador, que era o substituto do gerente. Em 1953 Alfred Zinkhahn se transferiu para o Banco do Comércio e Indústria de São Paulo, sendo gerente da agência de Blumenau durante 10 anos.

No dia 1º de junho de 1963, Alfred Zinkhahn ingressou na Cremer, como procurador, permanecendo no cargo durante dois anos. Em 1965 foi designado Diretor Financeiro da empresa, em substituição ao sr. Arthur Fouquet, que assumira a vice-presidência. Dia 22 de abril último, Alfred Zinkhahn deixou o cargo para integrar o Conselho de Administração da Cremer.

Casado com dona Paula Gross, Alfred Zinkhahn tem dois filhos - Vera e Gunter, e oito netos. Além das atividades profissionais, também exerceu funções comunitárias integrando em duas oportunidades a diretoria da Associação Comercial e Industrial de Blumenau, e o Conselho Fiscal da Comunidade Evangélica de Blumenau e do Centro Cultural 25 de Julho de Blumenau.

OS DESAFIOS

Nos 28 anos em que foi bancário e nos 30 em que trabalhou como industrial, Alfred Zinkhahn não esconde que foi na indústria onde conseguiu se realizar profissionalmente, justificando que na atividade industrial foi possível enfrentar muitos desafios, que ele considera gratificantes, pelos resultados obtidos: geração de empregos e riquezas que proporcionam o desenvolvimento.

Este desenvolvimento ele faz questão de registrar que viveu intensamente durante os 30 anos em que está na Cremer, recordando alguns períodos importantes na vida da empresa.

O primeiro deles após a Revolução de 1964, quando uma recessão atingiu o setor industrial e a Cremer, como toda a economia da nação enfrentaram sérias dificuldades. Os tempos eram difíceis, lembra Alfred Zinkhahn, e foi pre-

ciso muito esforço e criatividade para superar a crise. Foi a partir de então que a empresa se voltou para o mercado externo, iniciando a exportação de seus produtos. Esta nova frente comercial exigiu muitas adaptações e a qualidade dos artigos teve que ser melhorada para conquistar os consumidores estrangeiros. A Cremer fez as adaptações, melhorou a qualidade de seus produtos e as exportações passaram a ser uma rotina, ajudando a superar o período de crise.

Alfred Zinkhahn lembra ainda de outros importantes projetos desenvolvidos pela Cremer, em que ele teve participação, como a implantação da subestação rebaixadora de voltagem de energia elétrica (de 69.000 para 24.000 voltz), feita na década de 70, e que permitiu uma grande economia para a empresa, além de assegurar as condições necessárias para a expansão das atividades industriais, com a instalação de novos e modernos equipamentos, como a nova fiação e tecelagem. Esse processo de ampliação e modernização, observa Alfred Zinkhahn, se conclui agora, com o início das atividades da Fábrica II, de adesivos, consolidando outra importante etapa na história da Cremer. Uma história feita de muitos desafios e de trabalho que Alfred Zinkhahn, com orgulho, ajudou a escrever».

ACONTECEU...

MÊS DE MAIO DE 1993

— DIA 1º. — No Clube de Caça e Tiro Garcia Jordão, realizou-se grande baile comemorativo de primeiro de maio, denominado Baile Country, constando da festa, inclusive, desfile de modas e a participação da dupla sertaneja Xitãozinho e Xororô.

— DIA 2 — Com várias solenidades programadas, a FURB comemorou seus 29 anos de fundação. A FURB foi a primeira instituição de ensino superior fundada no interior do Estado.

— DIA 3 — No Teatro Carlos Gomes realizou-se a solenidade do lançamento do

Programa Blumenauense de Humanização de Trânsito, que contou com o apoio do Instituto Nacional de Segurança no Trânsito.

— DIA 4 — Foi assinado o primeiro convênio entre a Prefeitura e Empresas da cidade para a colocação de adolescentes carentes entre 12 e 18 anos, no mercado de trabalho. *** O aterro sanitário da cidade foi vistoriado pela Promotoria Pública que determinou abertura de inquérito policial para averiguar irregularidades no local.

— DIA 5 — No período da tarde, foi realizada uma festa no Pavilhão B da PROEB, com a presença de 90 Clubes participantes, para comemorar a passagem do Dia das Mães. Estiveram presentes 763 mães. A promoção foi da Secretaria de Ação Comunitária da Prefeitura de Blumenau.

— DIA 8 — O prefeito Renato Vianna viajou para Buenos Aires afim de participar da Feira Internacional do Mercosul, onde Blumenau recebeu 21 metros quadrados da Câmara de Comércio Argentino-Brasileiro para divulgar o município e sensibilizar argentinos para que realizem investimentos no Vale do Itajaí.

— DIA 9 — No Teatro Carlos Gomes, foi encenada a peça dirigida ao público infantil "O Gato Malandro", pelo Grupo Independente e sob a direção de Valdir Dutra.

— DIA 10 — No Grande Hotel foi inaugurada, com um coquetel, às 20:30 horas, a exposição Premiados de 92.

— DIA 11 — No Teatro Carlos Gomes, apresentou-se num único espetáculo seu em Santa Catarina, o aplaudido guitarrista Stanley Jordan, considerado o "Toque Mágico" da guitarra.

— DIA 12 — Com o apoio e presença do filho, nora, três netos e quatro bisnetos, o casal Alberto Peschke, 96 anos e Ida Jurk, 90 anos, comemorou festivamente a chegada de seus setenta anos de consórcio matrimonial, ou seja, Bodas de Ferro. Ambos nasceram em Blumenau e conheceram-se num baile em Massaranduba há pouco mais de 70 anos passados. (Veja JSC pg. 9, de 13/05/93).

— DIA 14 — Em solenidade realizada no Teatro Carlos Gomes, tomou posse na presidência do Clube de Diretores Lojistas de Blumenau, o comerciante Emilio Rossmark Schramm, que pela segunda vez é conduzido ao cargo. Na vice-presidência foi empossado o comerciante Arno Buerger Filho, diretor da Casa Buerger. Emilio é diretor da Casa Flamingo. *** No Quartel do 10º Batalhão da Polícia Militar de Blumenau, realizaram-se solenidades de troca de comandante. O Cel. Ademir Anton, passou o comando da unidade para o Tte. Cel. Valmir Lemos.

— DIA 16 — Mais um agradável espetáculo foi apresentado no Concerto Eventos Culturais patrocinados pelo Banco Itaú, no Teatro Carlos Gomes. Os solistas se estenderam da serenata à bossa-nova, com obras clássicas e populares, em busca da maior aproximação com o público, o que foi obtido com sucesso.

— DIA 18 — Foram iniciadas as obras de asfaltamento das ruas do Anel Viário Central, abrangendo as ruas Bahia, Paul Werner, Antonio da Veiga e Sete de Setembro, numa extensão de 12 quilômetros. *** Foi iniciado intenso levantamento nas áreas críticas da cidade e bairros, especialmente nas áreas críticas à cólera, um projeto que une diversas instituições e órgãos numa operação inédita no Brasil. *** Na Galeria de Artes da Fundação "Casa Dr. Blumenau", foi inaugurada, às 20:30 horas, com um coquetel, a coletiva "Pontas de Lança", com a participação dos artistas joinvilenses Charles Narloch, Décio Soncini, Linda Suzana Poll e Luciano da Costa Pereira. Uma promoção do Departamento de Cultura daquela instituição.

— DIA 20 — Prefeitos do Vale do Itajaí reuniram-se para discutir a criação de uma assessoria em Brasília para tratar de interesses da região junto ao governo federal. *** A greve dos Auditores Fiscais do Tesouro Nacional teve a adesão total dos

funcionários do porto de Itajaí, comprometendo as operações de carga e descarga de navios. *** No St. Peter Residence Apart Hotel, foi inaugurada uma exposição de artistas vinculados à Associação Blumenauense de Artistas Plásticos, com 31 trabalhos, entre esculturas em bronze, aquarela e acrílico sobre telas, nos estilos acadêmico, surrealista e abstrato.

— DIA 23 — Com absoluto sucesso a Secretaria da Criança e do Adolescente do Município de Blumenau encerrou a campanha de arrecadação de roupas, Foram arrecadadas para serem doadas, cerca de 40 mil peças. *** Missão empresarial do Vale do Itajaí, embarcou para a Coréia do Sul, integrada por 56 membros, para realizar uma verdadeira maratona de dezesseis dias de intensos contatos naquele país.

— DIA 26 — Reportagem inserida no JSC, revela preocupação dos médicos sobre a possibilidade de serem contaminados pela AIDs, no tratamento dos aidséticos *** Realizou-se oficialmente o lançamento do Edital de Concorrência para a elaboração do projeto relativo ao restauro, reconstrução e ampliação do prédio da antiga Prefeitura de Blumenau. O ato aconteceu às 17 horas, e foi promovido pela Fundação "Casa Dr. Blumenau", proprietária e administradora do referido prédio. *** Um grupo de sete Secretários de Turismo da região reuniu-se para discutir os novos rumos do projeto "Vale Europeu", que visa "vender", em um só pacote, todas as cidades do Médio Vale do Itajaí. *** O "Pró-Dança" apresentou, no Teatro Carlos Gomes, a super-produção "La Fille Mal Gardée" (A Filha Mal Guardada), com 42 integrantes. O balé é uma produção de Jean Dauberval e teve a direção da blumenauense Beatriz Niemeyer.

— DIA 27 — No Teatro Dom Bosco, em Rio do Sul, a Orquestra de Câmara de Blumenau atuou pela primeira vez com a participação do artista Renato Borguetti e sua gaita. Foi o começo de uma temporada de apresentações em várias cidades do Estado. *** No Bar Kriado, apresentou-se com pleno sucesso, a cantora e bailarina blumenauense Janara. *** O Cine Busch exibiu em pré-estreia, às 22 horas, o filme vencedor do Oscar deste ano, "Os Imperdoáveis". *** A Prefeitura de Indaial recebeu 7,74 bilhões de cruzeiros do Governo do Estado através da Secretaria de Transportes, para serem aplicados nas obras de asfaltamento da rodovia ligando Indaial a Blumenau pela margem direita do Rio Itajaí-Açu.

— DIA 28 — Uma explosão de 14 dinamites detonados pela firma Bretex, para arrebear uma pedra, causou pânico à população de Salto do Norte, incidente que poderia ter resultado em tragédia, mas que assim mesmo causou estragos no telhado de diversas residências numa área de cem metros próximos ao local da explosão.

— DIA 29 — No Ginásio "Sebastião Cruz", (Galegão), da Proeb, apresentou-se, em noite de gala, perante numeroso público, o consagrado cantor Roberto Carlos. *** As 15:30 horas, foi solenemente inaugurada a Creche Daniel Bressanini, no bairro Morro do Abacaxi, que contou com a presença de autoridades e moradores do local. A nova Creche, que custou à Prefeitura cerca de 3 bilhões de cruzeiros, além da participação da Rede Brasil Sul (RBS) e Fundação Mauricio Sirotsky Sobrinho, possui 360m² de área construída, servindo a uma população de cerca de 240 famílias.

— DIA 30 — No Teatro Carlos Gomes, às 20 horas, aconteceu o esperado concerto da Orquestra de Câmara de Blumenau com a participação do gaitista Renato Borghetti. O numeroso público não regateou aplausos ao belo espetáculo de encantadora arte.

— DIA 31 — Tomou posse na presidência da Associação Comercial e Industrial de Blumenau, o sr. Hans Martin Meyer. O cargo lhe foi transferido pelo até então presidente, sr. Ronaldo Baumgarten. À solenidade compareceu grande número de associados e autoridades locais.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50, instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

83015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "Blumenau em Cadernos"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO DELIBERATIVO: Presidente — Aiga Barreto Mueller Hering

Vice-Presidente — Friederich Ideker

CONSELHEIROS — Dinorah Krieger Gonçalves — Noemi Kellermann —
Frederico Kilian — Manfredo Bubeck — Hans Prayon —
Lorival Harry Hübner Saade — Frank Graf — Hans
Martin Meyer

DIRETORIA

Presidente — Elke Hering

Diretor Administrativo-Financeiro — Walter Ostermann

Diretor de Cultura — Lygia Helena Roussenq Neves

HERING

T Ê X T I L

Nas tramas do mais puro algodão, uma marca de qualidade.
Para todo mundo. Em todos os tempos.